

A QUESTÃO DO REALISMO NA FILOSOFIA DE KARL POPPER¹

The question of realism in the philosophy of Karl Popper

Gerson Albuquerque de Araújo Neto
UFPI

Resumo: O presente texto é um estudo do problema do realismo na filosofia da ciência de Karl Popper. O texto inicia com a definição de realismo e a sua importância na filosofia atual. Mostra, também, em que textos Popper trabalha a questão do realismo e onde, no seu texto autobiográfico, ele se assume como realista. Analisa, ainda, o realismo na teoria dos três mundos de Popper.

Palavras-chave: Realismo. Karl Popper. Filosofia da Ciência.

Abstract: The present essay is an study about the problem of realism in Karl Popper's philosophy of science. The essay begins with the definition of realism and its importance in nowadays philosophy. It also shows in which texts Popper works the question of realism and where, in his autobiographical text, he assumes himself as a realist. The essay also analyses the realism in Popper's Three Worlds Theory.

Key words: Realism. Karl Popper. Philosophy of Science.

O filósofo Karl Popper é um dos mais importantes do século XX. Sua obra é composta de uma vasta produção que trata principalmente de questões na área de filosofia da ciência. O realismo é uma das questões importantes no campo da epistemologia. Discutir a questão do realismo na filosofia da ciência de Karl Popper é objetivo a ser tratado neste texto.

O conhecimento humano é um esforço do intelecto humano para apreender, entender, compreender, explicar e narrar os objetos ou fenômenos. Portanto, é um produto da relação dos homens com os objetos. Sendo que esta relação aceita a propriedade ou relação reflexiva. Ou seja, a relação do sujeito pode ser consigo mesmo. Isto ocorre quando se faz uma auto-avaliação ou um exame de consciência.

¹ Esta é uma versão ampliada de uma comunicação na Sessão Temática Filosofia da Ciência do XVI Encontro Nacional da Anpof, realizado em Campos do Jordão de 27 a 31 de outubro de 2014.

Grande parte das preocupações da teoria do conhecimento é estudar as possibilidades, origem e tipos de conhecimento. O realismo é a posição que aceita a existência do mundo exterior independente do sujeito conhecedor. Segundo Hilary Putnam, no livro “Corda Tripla Mente Corpo e Mundo”: “Nenhuma questão polariza tanto as humanidades – e, cada vez mais, também as artes – quanto o realismo, descrito por um dos lados como 'logocentrismo' e, pelo outro, como 'defesa da ideia do conhecimento objetivo’” (2008, p. 16)

A obra Enciclopédia de Termos Lógicos-Filosóficos define “o realismo, como posição filosófica que defende a existência de entidades independentes do nosso repertório linguístico”(2006, p. 662). Esta definição, a nosso ver, é mais sofisticado pois coloca a mediação linguística na construção do conhecimento. Esta posição está em consonância com o entendimento de uma reviravolta linguística (linguistic turn) na filosofia contemporânea pós-Gottlob Frege.

Dentro desta ótica filosófica a mesma enciclopédia afirma “Também pode ser interpretado como simples crença partilhada na existência de certos objetos de que falamos”. (2006, p. 662). Ora se assim não fosse como ficariam as sentenças ostensivas. Como seria possível alguém pedir a outro que lhe trouxesse ou buscasse um objeto. Portanto parece ser condição necessária para a comunicação a posição realista.

Segundo Alan H. Goldman, em seu livro *Empirical Knowledge*, “for realists the objects of ours percepts and concepts remain independent of our perceptual and conceptual schemes (in a sense of 'independence' to be made precise)” (1991, p. 5).

A enciclopédia de termos filosóficos faz uma distinção entre realismo externo e realismo interno. Quanto ao primeiro afirma que “nesse sentido, admitir a existência de objetos fora de nós, com tais e tais características próprias equivale a uma atitude em geral qualificada como realismo externo” (2006, p.663).

John Searle afirma que o realismo é posição que aceita que “a realidade existe independentemente das representações que dela temos” (SEARLE, 1995, p. 1610).

Segundo Antônio Marques, da Universidade Nova de Lisboa, na Enciclopédia de Termos Filosóficos, “Searle defende o realismo contra as posições do relativismo conceptual, do verificacionismo e do que ele designa o argumento da coisa em si” (2006, p. 663).

No livro “Mente, linguagem e sociedade” Searle diz “Há um mundo real que existe independente de nós, eu gostaria de chamar de 'realismo externo’” (SEARLE, 2000, p.22).

A questão do realismo é antes de tudo uma questão epistemológica. Paul Moser no capítulo Realismo e Objetividade escrito no Compêndio de Epistemologia organizado por John

Grego e Ernest Sosa diz: “Podemos conhecer o mundo como ele realmente é ou estamos restritos ao conhecimento do mundo como se ele fosse modelado e colorido por nossos próprios pensamentos e experiências?” (GRECO; SOSA, 2008, p. 21).

A discussão do realismo fica numa relação entre sujeito conhecedor e objeto conhecido. É como uma alegoria de uma balança com dois pratos. Sendo um deles o sujeito e o outro o objeto. Sendo que alguns colocam peso maior ora em um prato, ora no outro. Ou seja, ora o sujeito predomina sobre a operação do conhecer e ora é o objeto preponderante nesta relação. Sobre esta problemática Greco nos diz: “Outra forma de colocar esta questão é questionar se o nosso conhecimento pode ou não ser objetivo ou se, por sua vez, nosso conhecimento é ou não restrito à nossa própria e subjetiva perspectiva das coisas” (GRECO; SOSA, 2008, p. 21).

Moser apresenta a possibilidade de uma posição intermediária, que ele chama de realista moderado. Para Moser realismo moderado é “visão de que aquilo que é representado por pelo menos algumas de nossas crenças seja objetivo, isto é, lógica e causalmente independente da concepção que alguém possa ter daquela coisa” (GRECO; SOSA, 2008, p. 21).

Os céticos criticam e contestam o realismo. Afirmam eles que os realistas não conseguem apresentar um argumento de prova ou demonstração do realista se cair em petição de princípio, ou seja, apresentar um argumento favorável ao realismo sem pressupô-lo. Paul Moser acredita que não há ainda refutação aceitável para esta contestação cética.

Contudo, John Greco afirma “que mesmo que esta objeção cética estivesse correta, ela não mostraria que o realismo moderado é falso, ou mesmo que as crenças sobre o mundo objetivo são irracionais” (GRECO; SOSA, 2008, p. 22).

Na apresentação de Rachel Herdy no livro de Susan Haack intitulado “Manifesto de Uma Moderada Apaixonada: ensaios contra a moda irracionalista” diz que Haack se posiciona como uma metafísica moderada e defende uma posição realismo moderado.

Segundo Herdy: “a posição moderada que Haack defende sobre a rubrica de 'realismo inocente' tem como objetivo integrar a metafísica com a epistemologia; isto é suavizar a tensão que existe entre os conceitos de *independência* e *acessibilidade*, respectivamente” (HAACK, 2011, p. 15).

Para Herdy “Haack quer defender, por um lado, uma concepção metafísica que reconhece a existência de um único mundo real, largamente (embora não completamente) independente de nossas construções” (HAACK, 2011, p. 15). Esta posição é coerente com uma verdade objetiva e única e contrária ao relativismo. Mas Herdy afirma que Haack admite a

dificuldade de se chegar a esta verdade. Para Herdy Haack “pretende argumentar a favor de uma posição epistemológica que reconheça a complexidade, as limitações e a falibilidade das percepções humanas, bem como a dependência de nossos julgamentos com relação às crenças que possuímos” (HAACK, 2011, p. 15).

Ciência e Realismo

Numa posição aproximada e sem uma reflexão mais aprofundada, diz-se que a ciência trabalha com o realismo como princípio. Porém, podemos encontrar questionamentos a esta posição. É o caso de Nicolau Copérnico que escreveu no prefácio do seu livro *Das Revoluções dos Corpos Celestes* que não tinha certeza se o Sol estava no centro e a Terra giraria ao redor daquele astro, mas que para efeitos de cálculos matemáticos esta era a melhor teoria.

Contemporaneamente sabemos que a velocidade da luz tem um limite. O valor máximo que ela atinge é de 300.000 km por segundo quando percorre o vácuo. E não há algo mais veloz que a luz.

Ora, temos vários corpos celestes que estão muito distantes de nós que estamos no planeta Terra, e a luz que vem destes corpos celestes chegam aqui com um atraso. “A Lua, por exemplo, é vista como era a 1,282 segundos atrás, pois sua distância média até a Terra é de 1,282 segundos-luz” (GLEISER, 2014, p. 111).

Já o Sol que está a uma distância média de 150.000.000 km “vemos como era a 8,3 minutos atrás, pois está a uma distância 8,3 minutos-minutos luz” (GLEISER, 2014, p. 111). Ou seja qualquer evento ou acontecimento que ocorra agora no Sol, só veremos daqui a 8,3 minutos. Inclusive se este explodisse ou apagasse.

Das estrelas que vemos a mais próxima é a Alfa de Centauro que fica na constelação de Cruzeiro do Sul. Esta fica a 4,3 anos. O que nos chega dela hoje é o que ocorreu a 4,3 anos atrás, ou seja é a luz daquela estrela em 2010. Se estamos em outubro de 2014, deve ser junho de 2010. Então podemos questionar que realismo é este?

Um defensor do realismo vai dizer que isto não altera em nada. Só diz que a realidade que é externa a nós existe. A única diferença é só sabemos ou percebemos após um intervalo temporal. Talvez, até podemos questionar o problema da instantaneidade.

Segundo Ian Hacking, “o *realismo científico* (itálico no original) diz que entidades, estados e processos descritos por teorias corretas realmente existem”. (p. 82). Segundo Hacking um defensor do realismo científico acredita que “prótons, fótons, campos de força e

buracos negros são tão reais quanto unhas, turbinas, redemoinhos nas águas de um rio ou vulcões, e as interações fracas da física de partículas são tão reais quanto se apaixonar”. (p.82).

Para Hacking “o antirrealismo diz o oposto” (p. 82), ou seja, não acredita na existência dos entes expressos nas teorias científicas. Para ele “elétrons são ficções, e as teorias a seu respeito são ferramentas do pensamento”. Nesta perspectiva antirrealista “teorias são ferramentas adequadas, ou úteis, ou fundamentadas, ou aplicáveis; mas não importa quão admiráveis sejam os triunfos especulativos e tecnológicos da ciência natural, não devemos considerar verdadeira”

Segundo Hacking “alguns antirrealistas mantêm esta posição de relutância porque acreditam que as teorias são ferramentas intelectuais que não podem ser entendidas como relatos literais de como o mundo é” (p.82).

Outra discussão entre realismo científico e antirrealismo científico envolve a questão entes observáveis e entes não observáveis. Entendendo-se este último o conjunto dos entes que não são observados ou atingidos pelos sentidos. Neste caso o realismo aceitaria estes últimos como algo real. Pois pode-se inferir a existência de algo, não pela sua observação ou constatação pelos sentidos, mas pelas consequências que estes proporcionam.

Popper e o realismo

Na sua autobiografia Popper afirma: “Em toda a minha vida não apenas acreditei na existência do que os filósofos denominam de 'mundo exterior' como também considerei a posição contrária como indigna de ser encarada com seriedade” (1986, p. 25-26). Nesta afirmação Popper assume não só a posição realista como se posiciona refratário a quem tem posição antirrealista.

Para Popper o realismo é um conceito metafísico, portanto não precisa passar no critério de faseabilidade. Num texto escrito em 1970, Popper afirma: “Minha tese é que o realismo não é demonstrável nem refutável”. (POPPER, 2010, p. 217). Mais adiante Popper diz “Considero saber com clareza por que não pode existir uma prova válida do realismo” (POPPER, 2010, p. 218).

Já que o realismo não pode ser demonstrado, Popper admite que o “idealismo é irrefutável” (POPPER, 2010, p.218). Ainda na mesma página, Popper afirma: “Disponho-me a admitir que o realismo não é apenas indemonstrável, mas também, tal como o idealismo, irrefutável”. Para ele “Nenhum evento descritível e nenhuma experiência concebível podem ser considerados uma refutação efetiva do realismo”. (POPPER, 2010, p.218).

Popper entende o realismo como as diversas posições que os filósofos tiveram contra a posição dos universais. Ele afirma “e isso me permitiu notar que o termo 'realismo' era empregado, no contexto da questão dos universais, com o significado bem peculiar: para indicar concepções opostas ao nominalismo” (POPPER, 1986, p.26).

Afirma Popper que, com o objetivo de contornar confusões, cunhou o termo essencialismo para as posições contrárias ao nominalismo.

Popper afirma que sua posição se distingue das posições clássicas ou até tomadas sobre esta questão por ver na questão ou problema dos universais uma questão de método (POPPER, 1986, p.26).

Popper afirma que no início dos anos 20 do século passado ele recebeu críticas, que ele considera acertadas de Karl Polanyi e Heinrich Gomperz sobre esta sua posição a respeito do nominalismo metodológico. Segundo Polanyi, o que Popper “chamava de 'nominalismo metodológico' era típico das Ciências Naturais, mas não das Ciências Sociais” (POPPER, 1986, p. 26). Já Gomperz, que Popper considerava “pensador de ideias muito originais e vasta erudição” (POPPER, 1986, p. 26), afirmou que a posição Popper era realista.

Popper concorda com as críticas dos dois e afirma: “julgo, agora, que tanto Polanyi como Gomperz estavam certos” (POPPER, 1986, p. 26). Popper entende que o realismo é uma posição presente e pacífica no senso comum. Chega, inclusive, a afirmar que “o realismo é essencial para o senso comum” (2010, p. 217). Diz mais “o senso comum está claramente do lado do realismo” (POPPER, 2010, p.218).

Popper afirma que desde os pré-socráticos apareceram diversas teorias que colocavam em cheque a existência da realidade. Mas para o nosso filósofo em discussão “uma teoria filosófica capaz de competir a sério com o realismo não surgiu até Berkeley, Hume e Kant” (POPPER, 2010, p.218).

Em sua autobiografia afirma que “uma das coisas que naquele tempo eu considerava difícil de entender era a tendência que tinham os filósofos ingleses de namorar as epistemologias não-realista: o fenomenismo, o positivismo, o idealismo de Hume, de Berkeley ou de Mach ('o monismo neutro'), o sensismo, o pragmatismo; esses brinquedos de filósofos eram, na época, mais apreciados que o realismo” (POPPER, 1986, p. 133).

Popper analisa que a filosofia da linguagem comum e afirma que “em verdade, suas tentativas de aderir ao senso comum e ao realismo constituem, ao meu ver, o aspecto mais favorável da Filosofia da linguagem comum” (POPPER, 1983, p. 133).

Popper escreveu um pós-escrito a *Lógica da descoberta científica*, que foi publicada em três volumes. Popper afirma que “Afora a reformulação de minha teoria do conhecimento, um dos meus objetivos, no Postscript, era o de mostrar que o realismo de *Logik der Forschung*, era passível de debate ou de crítica”. (POPPER, 1986, p. 159). Diz mais Popper: “Acentuei que *Logik der Forschung* era o livro de um realista que, naquela ocasião, não ousara dizer muita coisa acerca do realismo” (1986, p.159). E Popper explica porque não fez uma discussão mais sobre o realismo naquela sua obra: “o motivo estava em que, ao escrever a obra, eu não havia compreendido que uma posição metafísica, embora não passível de prova, podia ser criticada e debatida racionalmente” (1986, p. 159). Diz mais Popper: “Eu confessara minha posição realista, mas imaginava que isso correspondesse apenas a uma confissão de fé”. (POPPER, 1986, p.159).

No volume I do Pós-Escrito à *Lógica da Descoberta Científica* intitulado “O Realismo e o Objectivo da Ciência”, Popper afirma ser adepto do realismo. Neste texto, Popper escreve: “afirmei no L. Sc. D., que acreditava no realismo científico” diz, inclusive para o leitor confirmar esta sua posição “no segundo parágrafo da secção 79, e o final das secções 4 e 28” (POPPER, 1987, p.106). No mesmo texto Popper é bem explícito: “e ainda acredito no realismo científico” (POPPER, 1987, p.106).

Contudo, alerta Popper: “o realismo metafísico não é uma tese da L. S. D., nem em parte alguma desempenha o papel de um pressuposto. E no entanto, está lá, e está muito presente. Constitui uma espécie de pano de fundo que dar corpo à nossa busca da verdade (1987, p. 106).

Popper diz: “este realismo robusto, se bem que sobretudo implícito, que impregna a L.S.D. é um dos aspectos dessa obra dos quais tenho algum orgulho” (1987, p. 107). Nesta última passagem podemos ver a importância que Popper dá a questão do realismo.

Os textos dos Pós-Escritos foram escritos 20 anos depois da *Lógica da Pesquisa Científica*. No volume II destes pós escritos, relacionando-os com a L.S.D, Popper diz que o realismo “é também um dos aspectos dela que a ligam a este pós-escrito, do qual cada volume ataca uma ou outra abordagem subjectivista ou idealista do conhecimento”.

Já na sua autobiografia intelectual, Popper afirma “porque o realismo de cunho metafísico – a concepção segundo a qual existe um mundo real a ser descoberto – resolve alguns dos problemas que ficam em aberto com a solução que dei ao problema da indução” (POPPER, 1986, p.160). Ou seja, nesta passagem além de reconhecer-se realista Popper está

reconhecendo a importância que o realismo tem na sua filosofia. Para ele o realismo resolve e complementa algumas de suas posições.

Para Popper a realidade é composta de três mundos: mundo 1, mundo 2 e mundo 3. Para ele o mundo 1 seria o conjunto dos entes físicos. O mundo 2 seria o mundo da subjetividade e o mundo 3 o mundo composto de criações intelectuais como as teorias, as músicas, as obras de arte, etc. Acrescenta ao mundo 3 os problemas e argumentos.

No capítulo 3 da sua obra *Conhecimento Objetivo*, Popper afirma: “sem levar demasiado a sério as palavras 'mundo' ou 'universo' podemos distinguir os três mundos ou universos seguintes: primeiro, o mundo de objetos físicos ou de estados materiais; segundo, o mundo de estados de consciência ou de estados mentais, ou talvez de disposições comportamentais para agir; e, terceiro, o mundo de conteúdos objetivos de pensamento, especialmente de pensamentos científicos e poéticos e de obras de arte. (1975, p. 108).

Estudar o realismo em Popper envolve a questão dos três mundos. Normalmente os outros filósofos aceitam os dois primeiros mundos ou somente um deles. A posição de Popper em defender a existência de um mundo 3 é original.

Popper se pergunta “qual o status ontológico desses objetos do mundo 3? Ou, para usar uma linguagem menos empolada, os problemas, as teorias, os argumentos são 'reais' como mesas e cadeiras?” (POPPER, 1986, p.193). Ajuda a entender a posição de Popper a citação seguinte: “Todavia, tornei-me um realista com respeito ao mundo 3 dos problemas das teorias e dos argumentos críticos” (POPPER, 1986, p.193).

Para Popper o mundo 1, mundo 2 e mundo 3 interagem entre si. Com auxílio de teorias que povoam o mundo 3, e com intenções e propósitos que estão nas mentes de um sujeito, ou seja no mundo 2, modificamos o mundo 1. Um exemplo desta interação é o concreto. Ele não existe na natureza. Ele é resultado da mistura de vários materiais como cimento, armadura, areia, agregado (pedra, brita ou seixo) e água.

Quando Popper aborda a mecânica quântica, ele afirma que nesta “precisamos de uma interpretação do cálculo de probabilidade que seja física e objetiva (ou 'realista') (POPPER, 1986, p. 103). Sobre a interpretação onda-partícula Popper diz que “não percebi ...motivo para nos afastarmos da concepção clássica, intuitiva e realista” (1986, p. 103). Ou seja, Popper acredita que não há incompatibilidade da ideia onda-partícula da física quântica com o realismo.

Pelo visto até aqui não se pode dizer que a posição realista de Karl Popper contrai ou entre em contradição com outros aspectos de sua filosofia da ciência.

Referências

- BRANQUINHO, João; MURCHO, Desidério; GOMES, Nelson Gonçalves. **Enciclopédia de termos lógicos-filosóficos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GOLDMAN, Alan. **Empirical Knowledge**. Berkeley and Los Angeles: University California Press, 1988.
- GLEISER, Marcelo. **A Ilha do Conhecimento: os limites da ciência e a busca por sentido**. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- GRECO, John; SOSA, ERNEST. **Compêndio de epistemologia**. São Paulo: Loyola, 2008.
- HAACK, Susan. **Manifesto de uma moderada apaixonada: ensaios contra a moda irracionalista**. Rio de Janeiro: Ed. Da PUC-RJ: Loyola, 2011.
- HACKING, Ian. **Representar e intervir: tópicos introdutórios de filosofia da ciência natural**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.
- POPPER, Karl. **Conhecimento objetivo: uma abordagem evolucionária**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.
- POPPER, Karl. **Autobiografia intelectual**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1986.
- POPPER, Karl. **O Realismo e o objetivo da ciência**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.
- POPPER, Karl. **A Teoria dos quanta e o cisma na física**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.
- POPPER, Karl. **Lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Edusp, 1993.
- POPPER, Karl. **Textos escolhidos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. da PUC-RJ, 2010.
- PUTNAM, Hilary. **Corda Tripla: mente, corpo e mundo**. Aparecida: Letras e Letras, 2008.
- SANTOS, José Francisco dos. **Realismo e falibilismo: um contraponto entre Peirce e Popper**. Curitiba: CRV, 2011.
- SEARLE, John. **The construction of social reality**. New York/London: The Free Press, 1995.
- SEARLE, John. **Mente, linguagem e sociedade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
-

Mestre em Filosofia pela PUCSP e Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUCSP
Professor do Mestrado em Ética e Epistemologia/UFPI
E-mail: gerson-albuquerque@uol.com.br